

O letramento digital e suas contribuições na Educação Básica

Larissa Gerasch¹

Orcid: 0000-0002-5632-910X

Alana Lehmen Heinen²

Orcid: 0000-0002-5362-7355

Ana Cláudia Munari Domingos³

Orcid: 0000-0002-6629-588X

Resumo

Este trabalho aborda alguns conceitos importantes para a educação contemporânea, como o de letramento digital. O objetivo principal é evidenciar quais são as contribuições desse tipo de letramento para a formação dos estudantes ao longo da Educação Básica. A pesquisa usou fontes bibliográficas e realizou um estudo sobre como o letramento digital é proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Foram consideradas muito importantes para o entendimento dos conceitos de alfabetização e letramento, as contribuições de Kleiman (2005), Soares (2009) e Gabriel (2017). Da mesma forma, destacam-se os estudos de Soares (2002), Walsh (2010) e Rojo (2012) acerca dos conceitos de letramento digital, letramento multimodal e multiletramento. Através deste trabalho, percebeu-se que a oportunidade de experimentar uma forma inovadora de ler, o desenvolvimento do pensamento crítico, o estímulo ao trabalho em equipe e a promoção do engajamento nas atividades escolares são importantes contribuições do letramento digital na Educação Básica.

Palavras-chave: Letramento digital; Base Nacional Comum Curricular; Educação Básica.

Abstract

This work addresses some important concepts for contemporary education, such as digital literacy. The main objective is to show the contributions of this type of literacy to the formation of students in Basic Education. The research used bibliographic sources and carried out a study on digital literacy is proposed in National Curricular Common Base (BNCC). The contributions of Kleiman (2005), Soares (2009) and Gabriel (2017) were considered very important for understanding the concepts of reading acquisition and social literacy. Likewise, studies by Soares (2002), Walsh (2010) and Rojo (2012) on the concepts of digital literacy, multimodal literacy and multiliteracie stand out. Through this work, it was noticed that the opportunity to try an innovative way of reading, critical thinking development, teamwork encouragement and promotion of engagement in school activities are important contributions of digital literacy in Basic Education.

Keywords: Digital literacy; National Curricular Common Base; Basic Education.

¹ Mestranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: larissagerasch@mx2.unisc.br

² Mestranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: alanalehmen@mx2.unisc.br

³ Doutora em Letras e professora no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: anacmunari@unisc.br

1 Introdução

Ainda que seja uma prática bastante arraigada à nossa civilização, a escrita é uma invenção relativamente recente, em comparação à história da humanidade, tendo surgido há cerca de 5.400 anos. Uma vez que aprendemos a decodificar os seus sinais gráficos, temos a impressão de que essa é uma atividade muito simples. Entretanto, o cérebro humano não é naturalmente apto para a leitura, tendo de passar por um processo de reciclagem neuronal, em que áreas que antes eram voltadas para o reconhecimento de imagens adaptam-se para identificar as letras (DEHAENE, 2012).

A escrita, que na antiguidade tinha como objetivo principal o registro de leis e documentos, era uma função do escriba, já que pouquíssimas pessoas a dominavam. Hoje, ela está por toda parte e, tendo acesso à escola, as crianças já começam a ler e a escrever suas primeiras palavras por volta dos seis anos de idade. É claro, faz-se necessário considerar que, em razão da desigualdade social, nem todas as pessoas têm - ou tiveram - a oportunidade de serem alfabetizadas. Mas, pensando naquelas que já passaram pelo processo de alfabetização, pesquisas recentes têm verificado que nem todas conseguem fazer o uso competente da escrita e da leitura, sendo consideradas, a partir da análise de certos critérios, analfabetas funcionais. Segundo dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) de 2018⁴, a cada dez (10) brasileiros alfabetizados, três (3) encontram dificuldades para compreender informações ao lerem um cartaz, por exemplo.

Atualmente, questões que envolvem a alfabetização e o letramento são muito debatidas, inclusive porque a palavra “letramentos”, grafada no plural, também tem sido frequentemente aplicada, visto que ao falarmos de letramento podemos estar nos referindo ao letramento literário, musical, matemático, científico, digital e tantos outros. Neste estudo, nos deteremos nas implicações do conceito de “letramento digital”, que ora é motivo de sua defesa por parte dos educadores que sonham com uma sala de aula inovadora, ora causa a preocupação daqueles que, cientes das dificuldades de acesso à tecnologia no ambiente escolar em que atuam, questionam-se sobre como proporcionar aos seus alunos experiências que tenham o propósito de desenvolver habilidades para o uso funcional e eficiente da tecnologia.

Sabe-se que no mundo globalizado em que vivemos, o compartilhamento de informação tornou-se, além de viável entre espaços que antes mantinham entre si muitas barreiras, como a da distância, muito mais rápido e eficaz. Com apenas “um clique”, conseguimos ter ciência de acontecimentos em outro continente quase que simultaneamente, por exemplo, enquanto acessamos reportagens e outras produções de conteúdo ao mesmo tempo e nos mesmos ambientes virtuais que as pessoas que lá vivem. Podemos interagir com pessoas de diferentes partes do mundo sem nos deslocarmos no espaço, aprender uma nova língua diretamente com um falante nativo, realizar pesquisas sobre um determinado assunto de nosso interesse cujas obras de referência impressas sejam de difícil acesso e diversas outras atividades que não seriam possíveis se não fosse a internet.

No entanto, enquanto as práticas com o universo impresso já têm uma organização e fundamentos que as tornam, amparadas pelo letramento escolar, mais eficazes, o ambiente virtual ainda carece dessa sistematização. De um lado, o universo do impresso tem, por exemplo, todo o campo da edição para amparar a produção de um livro, a partir de diferentes agentes especialistas e, de outro, o chamado ciberespaço é “feito” por todos.

Além disso, o uso de recursos digitais afeta todas as práticas de linguagem de que trata a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desde o campo da vida cotidiana ao campo da atuação na vida pública, pois todos, direta ou indiretamente, são regidos por tecnologias que têm por base a esfera digital, a computação e as redes. Os meios de comunicação devem sempre

⁴ Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em: 17 out. 2022.

ser incorporados como objetos de aprendizagem; no entanto, diferentemente de cinquenta anos atrás, a multiplicidade de tecnologias midiáticas exige a contínua revisão de metodologias e práticas, pois novas competências precisam ser construídas, sobretudo a partir das mídias digitais. Assim, mesmo mantendo o livro como um dos principais recursos, o professor precisa ter em vista uma série de novas ferramentas que são constantemente remediadas. Ao mesmo tempo, esse professor deixou de ser um banco de dados, tarefa que ele assumira em vista do pouco acesso à informação. A partir desse contexto, buscamos, através deste estudo, evidenciar quais são as possíveis contribuições do conceito de letramento digital na formação dos estudantes ao longo da Educação Básica.

Para iniciarmos a discussão, na primeira seção, trataremos sobre a diferença entre alfabetização e letramento, tendo como base as concepções de Soares (2009), Kleiman (2005) e Gabriel (2017). Em seguida, à luz dos estudos de Soares (2002), Walsh (2010) e Rojo (2012), apresentaremos, ainda, as especificidades do letramento digital, letramento multimodal e multiletramento, dada a grande recorrência desses três termos quando o assunto é a relação entre educação e tecnologia. Na segunda seção, traremos algumas considerações acerca da forma como o letramento digital é abordado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por fim, na terceira seção, refletiremos sobre as contribuições do letramento digital na formação dos estudantes, a partir do que é proposto por Frade (2005), Goulart (2005) e Júnior (2020).

2 Letramento, letramento digital, letramento multimodal e multiletramento

Antes de discutirmos mais especificamente sobre o conceito de letramento, é fundamental que reconheçamos a grandiosa função social da escrita, ainda que essa assertiva esteja há muito cristalizada em nossa civilização. Como um meio de comunicação através do qual torna-se possível registrar e compartilhar informações, ela viabiliza a construção de uma memória coletiva, que pode ser acessada mesmo que os interlocutores não estejam fisicamente diante um do outro. Conforme pontua Colomer (2002, p. 14), a escrita “possibilita níveis de análise e de abstração da linguagem que determinam um grande crescimento do saber e que representam a base do desenvolvimento científico e cultural de nossas sociedades atuais”.

Em razão da significativa diversidade cultural presente na sociedade como um todo, as formas de se comunicar modificam-se constantemente, o que explica a evolução de alguns gêneros e a extinção de outros que passam a ser substituídos por novos. Podemos evidenciar esse tipo de mudança ao pensarmos sobre a carta e o e-mail, por exemplo: a primeira, em determinadas situações, ainda é utilizada, mas o envio de e-mails é muito mais frequente, uma vez que garante uma comunicação mais rápida. Contudo, assim como o suporte é diferente, as características da sua escrita, a sua linguagem, também são. Trata-se de um exemplo de “remediação”, que, para Bolter e Grusin (2000, p. 273) é “a lógica formal através da qual os novos meios de comunicação reformam as formas dos meios de comunicação anteriores.” Nesse caso, embora o e-mail seja um recurso digital, sua função continua sendo a mesma da carta: transmitir uma mensagem de um remetente para um destinatário.

Para fazer uso, com autonomia e eficácia, dos variados gêneros textuais, não basta ao indivíduo ser alfabetizado, ele precisa ser (multi)letrado. Em relação à aprendizagem da leitura e da escrita, é comum que os termos “alfabetização” e “letramento” sejam mencionados juntos, todavia, eles não são sinônimos. De acordo com Kleiman (2005), a alfabetização não compreende somente os conhecimentos acerca do código escrito de uma língua:

O conceito de alfabetização refere-se também ao processo de aquisição das primeiras letras e, como tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégias, modos de fazer. Quando dizemos que uma criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional

da criança num conjunto de atividades de todo tipo, que têm por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita (KLEIMAN, 2005, p. 13-14).

O letramento, por sua vez, não corresponde a uma ação apartada da alfabetização. É possível, inclusive, afirmar que o letramento depende da alfabetização, pois para que uma criança ou um adulto consiga fazer o uso funcional da escrita, é primordial que as habilidades de codificação e decodificação já tenham sido desenvolvidas. Como estamos praticamente cercados pela escrita, o letramento diz respeito ao seu uso em quaisquer práticas sociais, não somente na sala de aula. Em seu livro *Letramento: um tema de três tempos*, Magda Soares, pesquisadora que tem uma ampla produção sobre o assunto, define como letramento o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2009, p. 47).

As inúmeras maneiras de comunicar, que configuram cada gênero, fazem com que sejam necessários diferentes tipos de letramento. De acordo com Gabriel (2017, p. 83) “os aspectos interativos e socioculturais de várias práticas são evocados pelo termo letramento, ao passo que o adjetivo que o acompanha dá conta do “universo” no qual o indivíduo será inserido”.

Com o constante avanço da tecnologia, boa parte dessas práticas se dá por meio de recursos digitais, como o envio de e-mails, publicações no *Twitter*, *Instagram* ou *Facebook*, escrita em *blogs*, produção de *podcasts* ou vídeos, tornando indispensável o letramento digital. Entretanto, assim como no caso dos termos alfabetização e letramento, o termo letramento digital também tem sido, por diversas vezes, confundido com letramento multimodal e multiletramento. Em razão disso, faz-se importante esclarecer as diferenças entre cada um deles. Começemos pelo letramento digital.

Conforme Soares (2002), o letramento digital é “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (2002, p. 151). Tornando ainda mais ampla essa concepção, atualmente, ao debater-se sobre o papel do letramento digital, menciona-se, também, o desenvolvimento da habilidade de selecionar conteúdos de forma crítica.

Tendo acesso a uma enorme carga de informações simultaneamente, é fundamental que a sociedade esteja atenta aos riscos que a internet pode oferecer. Numa era em que é atribuído grande valor à aparência física e ao *status* econômico, muitos jovens e, até mesmo, adultos, fazem comparações excessivas entre a sua vida e a que outros usuários expõem por meio de publicações nas redes sociais. Não havendo a consciência de que algumas pessoas compartilham registros que simulam uma vida perfeita apenas como meio de alcançar visibilidade, há quem se coloque em posição inferior, acreditando ter uma vida desinteressante. Assim, diariamente, são alimentados pensamentos que ocasionam a baixa autoestima. Sem falar ainda nos “jogos” autodestrutivos, como o Baleia Azul⁵, que teve grande repercussão em 2017 por ter culminado no suicídio de diversos adolescentes.

Despertar esse olhar crítico sobre o que realmente é confiável na internet, mostra-se como algo de extrema importância ao pensarmos no letramento digital. Logo, compreende-se que oportunizar esse tipo de letramento não significa somente ensinar a digitar, tornar compreensível a função de cada tecla de um computador ou o significado dos ícones presentes na tela. Muito além disso, promover o letramento digital é também instruir para o uso consciente das tecnologias, quer dizer: saber comunicar-se com eficiência através das mídias digitais. Sobre isso, Rojo (2012, p.36) coloca que

⁵ Para saber mais sobre o jogo Baleia Azul:
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.htm. Acesso em: 17 out. 2022.

[a] escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias. É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros. [...] Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio dela.

Esse uso consciente também inclui reconhecer a tecnologia como uma aliada no processo de aprendizagem, utilizar os meios digitais em prol de benefícios para a sua comunidade, avaliar até que ponto determinadas fontes de conteúdo são confiáveis e saber fazer a gestão do tempo passado em frente às telas.

Passemos agora para o letramento multimodal. Para Walsh (2010):

O letramento multimodal refere-se à construção de significado que ocorre por meio da leitura, visualização, compreensão, resposta, produção e interação com textos multimidiáticos e digitais. Pode incluir o oral e os modos gestuais de falar, ouvir e dramatizar, bem como a escrita, o design a projeção e a produção de tais textos. (WALSH, 2010, p. 213, tradução nossa).

Nesse sentido, entendemos que o letramento multimodal é primordial para que seja alcançada uma apreensão global dos efeitos de sentido produzidos pelos diversos recursos semióticos articulados em um texto. Como a linguagem verbal se encontra, nos textos multimodais, unida a outros tipos de linguagem – imagens estáticas e em movimento, sons, por exemplo –, nem sempre ela exercerá o papel principal para a construção de significado. O letramento multimodal, assim, não diz respeito apenas aos textos digitais, mas a todas as formas que utilizam diferentes modos para comunicar. Vejamos que mesmo um texto verbal pode ser multimodal, à medida que utiliza cores e diferentes fontes em sua apresentação.

Por sua vez, o multiletramento, que frequentemente é usado no plural - multiletramentos -, segundo a concepção de Rojo (2012), diz respeito a dois tipos de multiplicidades existentes na sociedade: “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2012, p. 12). Como explica a autora, a primeira pode ser percebida nos diversos textos que, por reunirem mais de um tipo de linguagem, demandam diferentes práticas de produzir e de interpretar – quesito que podemos colocar em paralelo com a multimodalidade; e a segunda diz respeito não só aos diferentes letramentos, mas às diferentes culturas (erudita, de massa e popular, em diferentes lugares e contextos) que também estão ligadas aos textos, dados seus contextos de produção e circulação, e que não são mais sistematicamente separadas, fazendo surgir os gêneros híbridos.

Em suma, entende-se que o letramento multimodal se faz importante para o letramento digital, uma vez que muitos textos que suportam diversas linguagens circulam pelas plataformas digitais. Além disso, para que os estudantes possam filtrar as informações que chegam até eles por meio de um texto, é importante que tenham conhecimento da sua intencionalidade e dos recursos usados para atingir o seu propósito, que podem ser percebidos através da escolha da fonte, do tamanho e da cor das letras, da combinação com imagens e recursos auditivos, entre outros. Ao mesmo tempo, para construir significados diante da enorme gama de linguagens, contextos sociais e culturais imbricados em cada texto com o qual se tem contato no dia a dia, assim como para produzir sentido ao escrever textos de diferentes gêneros, é fundamental que se disponha da variedade de saberes contemplados pelos multiletramentos.

3 O letramento digital em cada etapa da Educação Básica

Como propõe Bakhtin (2003, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Logo, é importante frisar que não somente a aprendizagem voltada à linguagem, mas a aprendizagem como um todo, não pode estar separada da vida social e das práticas de comunicação que ela requer. Nesse sentido, a preocupação da escola em incorporar questões tecnológicas à sua prática pedagógica reflete, justamente, uma demanda da coletividade: a preparação dos cidadãos para o uso responsável das tecnologias digitais. Ao concebê-las como ferramentas aliadas do processo de ensino-aprendizagem, as experiências em sala de aula ganham maior dinamicidade, funcionalidade e eficácia, sintonizando-se com o ritmo das transformações sociais.

Pensando nos processos de escrita e de leitura na tela de um computador, celular, *tablet*, dentre outros dispositivos, verifica-se a presença de “um sistema de convenções diferente daquele que regula aquelas atividades em folha de papel” (GOULART, 2005, p. 54). Devido à presença de inúmeros textos multimodais, os leitores são estimulados a desenvolverem cada vez mais as suas habilidades cognitivas a fim de realizarem inferências para a compreensão do que está sendo lido. Essa perspectiva vai ao encontro do que Wolf (2019) aponta como uma ação importante na atualidade: preparar nossas crianças para que, acompanhando a crescente evolução tecnológica, tenham o conhecimento e a flexibilidade cognitiva necessários para a vida nas próximas décadas. É preciso lembrar que cada vez mais as práticas cotidianas têm sido mediadas por textos digitais, incluindo aí aqueles produzidos pela inteligência artificial.

Considerando o papel do letramento digital, que permite que os indivíduos contribuam com a sua comunidade de acordo com as demandas dessa era tecnológica, investigaremos de que modo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempla o desenvolvimento desse tipo de letramento ao longo da Educação Básica. Antes de iniciarmos essa análise, é importante pontuar que já nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), havia certa preocupação com o ensino da língua voltado ao seu uso nos variados contextos:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p. 55-56).

Percebe-se que esse continuou sendo um objetivo importante também na BNCC. Todavia, uma das importantes atualizações promovidas por esse documento é a inclusão dos contextos digitais de forma explícita. Ao contrário dos PCNs, na BNCC, a utilização da linguagem tecnológica não está subentendida. Em diversas passagens do texto, fica nitidamente declarado que a cultura digital deve permear as práticas de escrita e de leitura em sala de aula.

Ao iniciar pela Educação Infantil, devemos entender que as crianças da contemporaneidade já nasceram em um contexto tecnológico digital e, portanto, é importante que famílias e educadores tenham consciência de que a quantidade de estímulos recebidos através das tecnologias digitais implica mudanças significativas na forma como esses pequenos aprendizes percebem o mundo. Conforme Prensky (2001, p. 1) *apud* Tezani (2017, p. 297), “nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais nosso sistema educacional foi criado.” Sendo assim, ao apresentar seu compromisso com o desenvolvimento integral das crianças, a BNCC traz como um dos direitos de aprendizagem dessa primeira etapa da Educação Básica:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola

e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2017, p. 38).

Nota-se então que, apesar de o documento não mencionar propriamente o termo letramento digital em nenhuma parte do seu texto, o reconhecimento da importância de inclusão das ferramentas tecnológicas se mostra presente desde a Educação Infantil. Sabe-se que a linguagem permeia todas as práticas escolares e sociais e que ao apresentar em sua proposta o trabalho com diferentes tipos de linguagem, a BNCC abre espaço para a inserção da cultura digital nas mais diversas atividades. Pensando na Educação Infantil, em que a contação de histórias é bastante recorrente, tendo em vista as suas contribuições para o desenvolvimento do imaginário, bem como para o processo de alfabetização que se dará posteriormente, apostar na apreciação de histórias audiovisuais é uma excelente alternativa.

Um exemplo de recurso pedagógico digital, abastecido de histórias infantis, que tem sido utilizado no Brasil com o propósito de fomentar o ensino de segunda língua, é a plataforma americana *Vooks* - o nome sugere a adaptação das histórias para vídeos, fazendo a troca de *books* - em inglês, livros - para *Vooks*. Trata-se de um recurso criado durante a pandemia, que oferece histórias em inglês, espanhol e hindi e tem a finalidade de oportunizar entretenimento de qualidade às crianças. Ao abordar nas narrativas múltiplos assuntos de ordem cultural, geográfica, histórica e ecológica, por exemplo, o *Vooks* viabiliza a transdisciplinariedade. Esse *site* pode ser acessado de forma gratuita pelos professores, contribuindo para a democratização do acesso à tecnologia em sala de aula, talvez sobretudo nas aulas de Língua Estrangeira.

Essa é apenas uma entre tantas alternativas que podem ser exploradas ao se pensar no desenvolvimento de habilidades como a de “(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história” (BRASIL, 2017, p. 49).

No Ensino Fundamental, tanto nos Anos Iniciais como nos Anos Finais, o componente de Língua Portuguesa apresenta os chamados campos de atuação. Trata-se de uma estratégia inovadora, que visa contextualizar o trabalho com os gêneros de acordo com a sua aplicação na vida social. Assim, para os Anos Iniciais são elencados os seguintes campos: campo da vida cotidiana, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, e campo da vida pública; para os Anos Finais: campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.

Ao favorecer o ensino da língua por meio dos gêneros, a BNCC possibilita aos alunos tecerem relações entre o que é estudado nas aulas e a sua realidade, visto que eles serão conduzidos a perceberem que os gêneros com os quais entram em contato na escola cumprem funções distintas na vida em sociedade. Bakhtin (2003) ressalta as valiosas contribuições do estudo por meio dos gêneros textuais:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Em relação aos gêneros digitais, voltamos a atenção à terceira e à sexta competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental:

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação. (...)

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017, p. 65)

Ao analisarmos essas duas competências, notamos que há o reconhecimento de que o uso de variadas formas de linguagens amplifica a produção de significados, abrindo um leque de possibilidades ao emissor e, ao mesmo tempo, exigindo que o receptor consiga relacioná-las entre si para compreender o significado do todo. Além disso, evidencia-se também a necessidade de sensibilizar os estudantes para o uso responsável dos recursos tecnológicos, oferecendo-lhes subsídios para que desenvolvam a criticidade e autonomia.

Ao buscarmos pelo termo “digital”, singular e plural, na BNCC, verificamos que (cento e vinte duas) 122 das suas ocorrências encontram-se na parte das habilidades⁶. Como forma de ilustração, mencionaremos aqui duas dessas habilidades, previstas, respectivamente, para os Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental:

(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital (BRASIL, 2017, p. 95).

(EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros (BRASIL, 2017, p. 143, grifos dos autores).

Já no Ensino Médio, a Língua Portuguesa está inserida em uma área do conhecimento denominada Linguagens e suas Tecnologias. A divisão em campos de atuação utilizada no Ensino Fundamental também se faz presente no Ensino Médio, dando continuidade à abordagem dos gêneros textuais. Contudo, há o acréscimo do campo da vida pessoal, sob a perspectiva da ampliação do conhecimento sobre si mesmo e o foco no protagonismo juvenil. É ressaltado no documento o quanto a cultura digital, bem como os novos letramentos e os multiletramentos – fundamentais para que os estudantes saibam vivenciar essa cultura – devem ser explorados durante os estudos dessa linguagem modernizada que caracteriza a era em que vivemos. Nesse sentido, a primeira competência específica das Linguagens e suas Tecnologias é:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo (BRASIL, 2017, p. 490).

Esse olhar mais crítico do aluno acerca das informações que estão ao seu alcance pode ser desenvolvido por meio da seleção de conteúdos durante a realização de atividades que envolvam pesquisa, e também da avaliação da veracidade de notícias compartilhadas nas redes, que estão dentre as habilidades que compõe a BNCC. Além disso, é primordial que sejam oportunizados diálogos que corroborem para um posicionamento respeitoso em relação ao

⁶ O termo “livro”, singular e plural, aparece 44 vezes; literatura, 60.

próximo também nas redes sociais. Dentre as habilidades que estão alinhadas a essa perspectiva, lista-se:

(EM13LP12) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas (BRASIL, 2017, p. 508).

Ao final desta breve análise da presença do letramento digital e seus possíveis significados na BNCC, destacamos que ao prever o contato com essa prática desde a Educação Infantil, a proposta do texto é construir bases sólidas para que a educação contribua com a formação de cidadãos que saibam lidar com as informações que chegam até si por meio das mídias, abertos a enxergar novas possibilidades de solução aos problemas do seu meio, soluções essas sempre em alguma medida relacionadas às formas de comunicação, à leitura e à escrita. Essa abordagem da cultura digital vinculada às práticas de linguagem, que se ampliam conforme os estudantes avançam nas etapas da Educação Básica, revela o cuidado que se tem em proporcionar um aprendizado contínuo, em que os conhecimentos já construídos, assim como as habilidades e competências desenvolvidas anteriormente, sejam valorizados e ressignificados.

4 Contribuições do letramento digital na Educação Básica

Frade (2005) afirma que, a cada nova alteração que surge nas tecnologias de escrita, novos gestos e possibilidades cognitivas deveriam ser considerados e, em consequência disso, seriam demandadas, também, diferentes estratégias pedagógicas. Esse pensamento comprova que, inevitavelmente, a tecnologia influencia no processo de ensino-aprendizagem.

Ao analisarmos, na BNCC, a proposta de abordagem para o letramento digital, evidenciamos que esse documento visa, por meio de habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos estudantes, restringir as fronteiras entre a escola e a tecnologia. Dessa forma, ao considerarmos a função do letramento digital, acreditamos que a exploração, em sala de aula, de textos que circulam frequentemente no âmbito tecnológico é de grande relevância. Conforme pontua Goulart (2005):

Navegar na Internet [...] nos possibilita acessar muitos textos e de gêneros variados, ao mesmo tempo, por meio de links que vamos acessando: um texto se abre, então, em muitos textos, operacionalmente, e não mais só em nível metafórico, se relacionarmos à leitura de textos escritos em papel. Essa possibilidade nos faz experimentar o conhecimento de um modo novo, diferente das fontes tradicionais de referência. Um texto pode nos levar a outros textos, subjugando a linearidade espacial do texto no papel a uma verdadeira rede de textos que nos permite criar trajetórias de leitura diferenciadas, pelas opções que fazemos (GOULART, 2005, p. 54).

O estímulo à criticidade, de modo a expressarem experiências e ideias e a posicionarem suas opiniões ou serem capazes de atribuir diferentes sentidos a um *gif* ou *meme*, por exemplo, são atividades que provocam reflexões críticas a fim de que os estudantes saibam identificar e diferenciar quais conteúdos, informações e práticas são úteis para sua formação e desenvolvimento e quais não. Propostas de aulas que incentivam práticas de linguagem contemporâneas - envolvendo novos gêneros multissemióticos e multimidiáticos - como a cultura do *remix*, da paródia, a produção de *vlogs*, *podcasts*, vídeos-minuto, escrita de *fanfics* são “novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir [...] nas redes sociais e outros ambientes da *Web*” (BRASIL, 2017, p. 68, grifos dos autores), e que,

por fazerem parte do dia a dia dos estudantes, culminam não apenas na construção de conhecimento sobre mídias que eles utilizam em seu dia a dia, mas também em seu engajamento para o letramento como um todo.

Por sua vez, as produções de trabalhos em grupo, como criação e edição de vídeos ou escrita de reportagens também podem ser muito agregadoras para o letramento, pensando o campo do exercício profissional. Quando cada membro da equipe exerce um determinado papel, validando e organizando as informações coletadas, para uma possível apresentação para a turma e/ou para a comunidade escolar, não somente o seu engajamento é aumentado, mas, ao mesmo tempo, a construção colaborativa do conhecimento é estimulada.

Os exemplos dados acima fazem parte do que Paulo Antônio Pasqual Júnior (2020, p. 30) chama de uma “aprendizagem por descoberta; o sujeito aprende na investigação”, e através dela conquista seu autoconhecimento, interagindo consigo e com os outros.

Tendo em vista que o território brasileiro é consideravelmente amplo e nele se evidenciam desigualdades tanto sociais quanto, neste caso, educacionais, o envolvimento com as tecnologias digitais da informação e comunicação ainda é um desafio em algumas escolas de nosso país. Ademais, enquanto algumas escolas ainda não dispõem de tecnologias para implementar as sugestões da BNCC, outra preocupação se encontra adiante: escolas com condições de implantar esses recursos em suas instituições, mas sem seu aproveitamento na prática. Possivelmente, isso pode ser explicado pela hesitação de muitos discentes em entrar nesse mundo tecnológico, sobretudo pela ausência de formação contínua do professor. Nesse sentido, usufruir dos aparatos tecnológicos é lançar-se no caminho da oportunidade que nos permite avançar.

Pelas práticas do letramento digital, os alunos conquistam sua autonomia para fazer uso da escrita e da leitura em contextos tecnológicos, abrindo-se para novas possibilidades de interpretação do mundo. Ademais, professor e aluno constroem juntos novos mundos de significação, sendo o professor um companheiro no processo de aprendizagem do aluno e o aluno o próprio sujeito de seu aprendizado.

5 Considerações finais

Ao relacionarmos, neste trabalho, as práticas escolares com a evolução tecnológica, a fim de analisarmos, à luz das diretrizes da BNCC, como o letramento digital pode ser desenvolvido ao longo da Educação Básica e quais são as contribuições que ele oferece, compreendemos que as tecnologias reverberaram algumas mudanças na forma de olhar para a sala de aula e para o processo de aprendizagem. Afinal de contas, grande parte dos discentes, principais sujeitos desse processo, já está imersa em contextos culturais e tecnológicos. Todavia, reconhecemos que essa realidade, infelizmente, não é comum a todos. Inclusive, a inacessibilidade a recursos tecnológicos como a internet é um dos principais desafios para o letramento digital.

Entendendo que a tecnologia representa uma mudança permanente na sociedade atual, de modo gradual, a escola está abdicando de pensamentos lineares, redundantes de uma educação centrada na emissão-recepção. De tal modo, esse ambiente que já é caracterizado pelo compartilhamento de ideias e troca de experiências vai fazendo da comunicação algo cada vez mais essencial. Assim, os estudantes, ao se encontrarem inseridos nesses espaços em que educação e tecnologia se mantêm em constante diálogo, sensibilizam-se para enxergar seus semelhantes - tanto na sala de aula quanto em contextos digitais - como pessoas que também têm contribuições a fazer na vida em sociedade.

Percebemos, ainda, que embora os conceitos de letramento apresentem características que o distinguem entre si, todos eles se interligam, uma vez que têm como traço em comum o uso funcional da leitura e da escrita. No caso do letramento digital, que foi o conceito mais

destacado neste estudo, constatamos suas contribuições na formação dos estudantes através da oportunidade de aprender uma importante forma de ler, de desenvolver o pensamento crítico em direção a entender o funcionamento das mídias como um todo. Além disso, as práticas com letramento digital podem ser um estímulo ao trabalho em equipe e à promoção do engajamento nas atividades escolares. Esse conjunto de benefícios, indubitavelmente, prepara os alunos para o uso comunicacional ético das diferentes tecnologias.

Referências

ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. A BNCC e o letramento digital: leitura e escrita digital no Ensino Médio. *In: CIET*, 2020. **Anais Eletrônicos** [...]. São Carlos, p. 1-12, ago. 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1197>. ISSN 2316-8722. Acesso em: 18 jun. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOLTER, Jay David. GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding New Media**. Massachusetts: Mit Press, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília; MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

COLOMER, Teresa. CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. *In: COSCARELLI, C. V.; RIVEIRO A. E. Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 57-70.

GABRIEL, Rosângela. Letramento, alfabetização e literacia: um olhar a partir da ciência da leitura. **Práxis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 76-88, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1277>. Acesso em: 14 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.1277>.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para prática pedagógica. *In: COSCARELLI, C. V.; RIVEIRO A. E. Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 47-56.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.2, p. 295-307, jul./dez. 2017. e-ISSN: 2594-8385. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10955/7089/30503&sa=D&source=docs&ust=1666138495867764&usg=AOvVaw0_htGbGHn9GVHJAHN_ItVn Acesso em: 15 out. 2022. DOI: 10.30715/rbpe.v19.n2.2017.10955

WALSH, Maureen. Multimodal literacy: What does it mean for classroom practice? **Australian Journal of Language and Literacy**, Australia, v. 33, n. 3, p. 211-239, out. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267398684_Multimodal_literacy_What_does_it_mean_for_classroom_practice. Acesso em: 10 jun. 2022. ISSN 1038-1562.

WOLF, Maryanne. **O Cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Tradução: Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.